

Tempos de crise

Hoje não vou falar-lhe de Matemática.

Mas vou manter-me dentro do espírito da rubrica: vou deixar-lhe algumas reflexões que me surgiram à medida que lia e depois de ler o admirável livro de Winston S. Churchill **“The Second World War”** .

Têm a ver com a atitude com que se podem enfrentar situações de enorme adversidade coletiva com sucesso.

E vou aproveitar para falar um pouco do livro também.



Como diz o cronista do Listener na contra-capa conta-nos a atmosfera do tempo, com arte suprema (*o autor foi Prémio Nobel da Literatura; se puder leia o texto em inglês é sublime*), como se estivéssemos a espreitar por cima do seu ombro.

O título do primeiro capítulo aponta de imediato o Problema Original: *“The Follies of the Victors”*.

Embragadas pela vitória de 1.^a Guerra, fartas de guerra, com desejo de viver em paz para sempre, convencidas de que nada se repetiria, as potências vencedoras, com a Inglaterra à cabeça, recusaram-se a ver a subida de um louco ao poder na Alemanha, o poder magnético que tinha sobre os outros, os intensos preparativos para uma guerra demolidora que aí se desenvolviam.

É sempre assim na vida das pessoas e dos povos: aproveitando-se de uma debilidade alheia uma entidade perversa, sem quaisquer princípios, ataca sem piedade; e é tanto mais perigosa quanto mais inteligente e inescrupulosa.

Foi assim com Lenine quando explorou a crença ingénua (um grande psicanalista classificou a ingenuidade como uma sofisticada forma do instinto de morte) de que a vitória do proletariado traria o Paraíso à Terra e lançou um conjunto de bandoleiros à conquista do poder violando todos os princípios morais, espalhando o ódio, a morte e a destruição numa forma pior que *“A guerra e peste e a fome”* para parafrasear Dostoievsky em *Os Demónios* a respeito das ideias comunistas então a germinar em alguns meios da sociedade russa.

Foi assim com a crise financeira do sub-prime e foi assim connosco quando nos puseram a comprar com o dinheiro emprestado, enquanto uns tantos se iam enchendo, isto para só falar dos tempos recentes.

Até 1939 Churchill era uma voz isolada no Parlamento inglês advertindo energicamente, mas em vão, para um perigo chamado Hitler.

Talvez venha daí a célebre frase dele: *“Um otimista é aquele que pensa que o mal só acontece aos outros; o pessimista é o que vive com o otimista”*.

Começada a Guerra a Inglaterra, impreparada, atacada por uma potência fortíssima e determinada, com os países à volta a esboroarem-se debaixo da feroz pata germânica resistiu liderada por um Homem de Exceção que galvanizou na população a vontade de lutar sem limite e com a máxima inteligência pela sua sobrevivência como nação e pela sobrevivência dos valores de respeito pelas pessoas e pelos povos no Mundo Civilizado, pelo Mundo Livre.

Essa vontade é bem expressa por este extrato de um discurso nos Comuns:

“We shall fight on beaches, we shall fight on the landing-grounds, we shall fight in the fields and in the streets, we shall fight in the hills; we shall never surrender”¹.

We shall never surrender...

Esta frase fortíssima, que ecoa no mais íntimo de todos nós e que nos pode dar tanta força nos dias que correm, colocaram-na os franceses na estátua de Churchill nos Campos Elíseos: apesar de de Gaulle não ter grande apreço pelos ingleses.

É essa epopeia que o autor conta, mas por dentro: as reuniões com os líderes políticos franceses quando Paris estava a ser ocupada, os seu encontros com Roosevelt, de Gaule, Estaline. As reuniões do War Cabinet, as reuniões com os generais e almirantes para identificar ameaças, definir estratégias e táticas, alocar forças, preparar operações.

As deslocações às frentes de batalha no Norte de África, no Oriente, no Atlântico, na Europa.

A vitória acaba por sorrir aos que respeitam os valores morais.

Parafraseando S. Freud ***“Os homens são fortes quando defendem uma causa forte; tornam-se fracos quando querem combatê-la”***.

Neste tempo difícil de crises várias qual a tarefa que se depara aos professores?

Depara-se-lhes a decisiva tarefa de preparar a nova geração, científica, técnica, moral e culturalmente para que possam colocar Portugal num lugar luminoso entre as nações do Mundo que vem aí.

E têm de desempenhar essas tarefas denodadamente apesar da degradação das condições económicas.

¹ Pode ouvir esta parte do discurso em clicando [aqui](#).

Mas para que o possam fazer com sucesso é necessário que o sistema envolvente dê motivação e sentido a estes enormes trabalhos.

Perguntamo-nos então o que podemos fazer como portugueses para que para que o trabalho nos diferentes sectores não estiole nem esmoreça.

A meu ver trata-se de sermos mais e melhor informados, mais lúcidos na escolha dos dirigentes políticos, escolhendo entre os honestos os mais capazes e clarividentes de forma a que haja **um ambiente de suficiente confiança** entre governantes e governados.

Há que aperfeiçoar os mecanismos da nossa democracia.

Trata-se ainda de sermos mais empenhados na promoção pessoal e na excelência no nosso trabalho, na melhoria do ambiente coletivo e das relações interpessoais.

Voltando ao livro: vencida a guerra novos e tremendos trabalhos se deparam.

A União Soviética ocupa e espalha o terror no Centro da Europa.

Churchill condensa o drama numa frase que ficará para a História: ***“Uma cortina de ferro ergueu-se à vossa frente; não sabemos o que se passa por trás”***.

É assim a vida e é para isso que temos de estar preparados. Os grandes desafios que se colocam à existência livre não param nunca.

Um grande professor de física enunciava desta forma o Segundo Princípio Fundamental da Termodinâmica: ***“Life is hard and then we die”***.

Chegamos ao cume e a pedra volta a rolar como para Sísifo.

Como dar sentido a este absurdo?

“O caminho em direção aos píncaros chega para encher um coração de homem” dizia Albert Camus em o *Mito de Sísifo*.

Para os cristãos o sentido é superior: cooperar no respeito por Deus e pelo Homem é um imperativo religioso. Para as novas ciências sociais é também a melhor forma de sucesso.

Um Feliz Natal

